JORNAL DO ANDREWS

ANO 23 / Nº 72 / JULHO DE 2017

O COLÉGIO, POR AQUELES QUE O FAZEM

O Andrews deve a sua fundação à iniciativa de duas professoras. No momento em que a sua trajetória alcança os 100 anos, uma boa forma de celebrar é homenagear aqueles que, desde a sala de aula, com o seu trabalho e empenho, o fizeram - e ainda hoje o fazem - acontecer.

Escolas são obras coletivas, construções feitas a várias mãos. A identidade do Andrews não advém apenas de objetivos publicados em seu Projeto Educativo. Para além de suas intenções, o trabalho educativo realizado no Andrews se deve à cuidadosa atuação dos muitos profissionais e educadores que, dentro e fora da sala de aula, de fato "fazem" o Colégio: é deles a responsabilidade - e o mérito - de dar concretude e de efetivar o Projeto pretendido.

Em cada momento de sua trajetória, o Andrews teve a sua identidade moldada pelas contribuições do vasto elenco de professores que se sucederam à frente das turmas ao longo de tantos anos letivos. Cada um deles trouxe o seu toque pessoal, conferiu a sua marca única e se faz lembrar por sua personalidade singular e insubstituível. Ao estar envolvido com sua disciplina faz seus alunos testemunharem o seu interesse e a sua paixão pelo saber, pelo conhecimento e pelo ensino.

Assim, cada geração de alunos tem o seu precurso e formação escolar marcados pela personalidade de determinados professores.

Na impossibilidade de dar o igual destaque a todos, convidamos alguns professores a contribuírem com seus depoimentos pessoais para a presente edição, que reúne profissionais com mais de 20 anos de casa. Suas longas trajetórias conferem autoridade e legitimidade como representantes dos demais colegas. Portanto, essa homenagem se estende a todos e a cada um do corpo docente.

Outras edições serão publicadas, com o mesmo sentido, reunindo coordenadores e equipe pedagógica, além de funcionários e antigos alunos. Boa leitura!

TÂNIA CARDOSO: APRENDI TUDO AQUI

Tânia Cardoso está no Andrews desde 1969. "Eu vim para cá com 17 anos e comecei como auxiliar de Jardim de Infância. O Colégio era só uma casinha, só tinha o turno da tarde. Era uma turminha de cada, e eu auxiliava as três turmas de Jardim", conta a professora.

Ao longo dos últimos 48 anos, Tânia desempenhou diversas funções no Colégio. Trabalhou na Sessão de Notas, no Setor de Matrículas, na Secretaria. "De tudo eu fiz um pouquinho", relembra. "O Colégio foi crescendo, as turmas aumentando e chegamos a 15 turmas de Jardim e nove de Alfabetização. Um dia, o dr. Edgar disse para mim: "você deveria estudar para ser professora. E eu vou lhe "cobrar" isso." E ele "cobrou". Então eu fiz o magistério, depois um adicional de Alfabetização de Jardim e fiquei mais de 15

anos nessa área, de que eu sempre gostei", relata Tânia.

Sempre lendo muito, pesquisando, se atualizando e se renovando, por acreditar nos projetos do Colégio, ela foi gostando cada vez mais do que faz. "Faço com amor, capricho, responsabilidade e carinho. A Ana Carolina (atual Diretora) foi minha aluna, assim como vários pais e mães de alunos atuais. A deputada Laura Carneiro, que eu alfabetizei, até hoje me manda mensagem. Para mim, é muito gratificante", declara.

"Tudo o que eu sei, aprendi aqui e agradeço ao Colégio Andrews, que sempre me acolheu. Aqui temos muita formação e palestras, e isso me faz parar, refletir, tanto na minha vida particular quanto na profissional. Hoje temos muita tecnologia, mas sinto que as crianças perderam um pouco os valores. Então, nós estamos sempre cuidando desse aspecto. Não é só ensinar. Temos que escutar as crianças, porque elas têm muito para falar. Escutar, orientar, encantar, porque as crianças precisam de encantamento", conclui Tânia.

MARIANGELA MEROLA: INCENTIVO

Há 39 anos, Mariangela Merola chegou ao Andrews para substituir uma professora da Alfabetização em licença de maternidade. Sua identificação com o trabalho e com as crianças, somada ao incentivo que recebeu no Colégio foram os principais ingredientes dessa longa trajetória que a trouxe até aqui.

"Eu era muito nova quando vim para cá e ainda tinha muito o que aprender. Gosto muito de arte, tema que o Andrews sempre prezou, e isso me incentivou a pesquisar mais. Além disso, o Colégio sempre promoveu palestras, indicou leituras e me motivou a estudar e pesquisar bastante para

que eu pudesse evoluir e me renovar. Minhas filhas estudaram aqui e foram muito felizes. Tudo isso contribuiu para eu procurar sempre fazer o melhor e hoje me considero uma professora realizada", conta Mariangela.

Atualmente, ela trabalha com alunos de cinco anos do Horário Integral e conduz atividades como Estudo Orientado, culinária, literatura e horticultura. "Eu procuro fazer como se a sala de aula fosse um pouquinho a casa deles. É um preparo da criança para o dia a dia, para formar um cidadão com valores e autonomia para realizar tarefas diárias", comenta a professora.

JORNAL DO ANDREWS EXPEDIENTE • Diretor de Redação: Pedro Flexa Ribeiro • **Editora:** Kiki Gurjão • **Colaboração:** Ana Carolina Flexa Ribeiro, Profª Inez Veiga, Orientação Pedagógica, Coordenação de Área e Professores • **Fotografia:** Arquivo Andrews e fotos cedidas pelos alunos • **Projeto Gráfico:** Ana Luisa Escorel - A3 • **Projeto Editorial:** Gurjão Jenné Comunicação Integrada Ltda. **COLÉGIO ANDREWS:** R. Visconde de Silva, 161 - RJ - RJ - CEP 22271-043 - Tel.: (21) 2266-8010 - secretaria@andrews.g12.br • www.andrews.g12.br

NORMA ALMEIDA: ALUNOS ATLETAS

Há 37 anos, ainda recém-formada, a Profª Norma Almeida, de Educação Física, chegou ao Colégio para substituir uma professora que estava grávida. Um ano depois, em 1980, foi efetivada. "Fui muito bem recebida pelas orientadoras. Lembro que era um grupo bem parceiro, com bastante entrosamento. Tive alunos que se tornaram atletas, como a Juliana Veloso e o Gustavo Veloso, irmão dela", conta Norma.

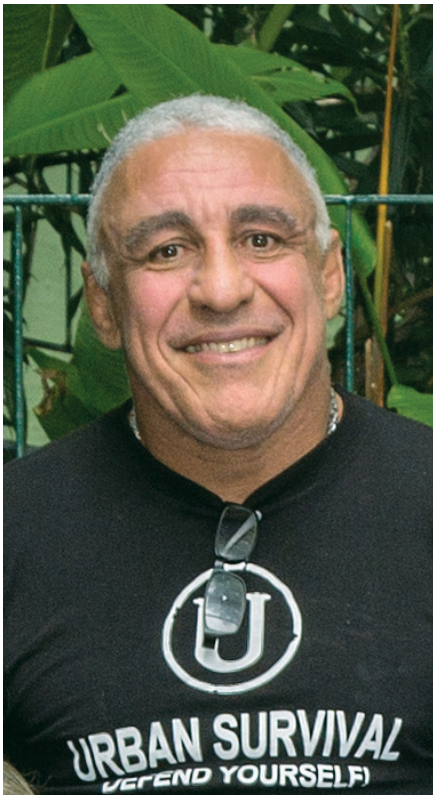
Sua trajetória no Andrews começou na Educação Infantil e depois, na década de 1990, passou para o Fundamental II, com turmas de 6º/7º/8º ano. "Há uns cinco anos, nós da equipe, e também a escola, sentimos necessidade de uma renovação. Então, o Prof. Igor assumiu a coordenação depois de mim e começou a dar uma outra 'cara' para a Educação Física. Nosso objetivo é trabalhar o movimento corporal do aluno, a coordenação motora, para que ele conheça todos os seus movimentos e as suas capacidades e não apenas aprenda a praticar esse ou aquele esporte", relata a professora.

"O Projeto Educativo do Andrews prima por inserir o ser humano na sociedade, por atender à diversidade, pela autonomia e pela autoria do aluno. E nós, na Educação Física, temos muita oportunidade de fazer com que o aluno mostre isso", acredita Norma.

HELVÉCIO PENNA: EX-ALUNO PROFESSOR

"Cheguei ainda bem novo. Minha mãe, Salvadora, era professora de Ciências da escola e eu tinha sido aluno durante muito tempo. Vim como estagiário do professor Rogério, no Campão. Retornar, pouco tempo depois de ter saído, para trabalhar com meninos e meninas de um perfil que eu já conhecia, é sempre diferente, um desafio", conta Helvécio Penna, professor de Educação Física, há 33 anos no Andrews.

Ele afirma que, desde menino, aprendeu no Andrews valores como respeito, amizade, compartilhar com o próximo, colaborar para que as coisas fluam de forma coletiva, para que todos possam ter as mesmas oportunidades, as mesmas chances. "É uma realização poder contribuir, com a minha parcela, para formar cidadãos plenos e preparados para atuar na sociedade de uma maneira muito positiva", diz Helvécio. "Acho que esse modo como o Andrews conduz a Educação é que mantém várias gerações no Colégio. Os alunos que tiveram essa experiência querem que filhos, netos, bisnetos, tenham também", acredita o professor.



A questão emocional na Educação Física é de importância fundamental para o professor Helvécio, que crê na "*mens sana in corpore sano*": – Temos que saber lidar com os momentos de sucesso e de fracasso, saber respeitar, se superar, buscar novos caminhos, nos esportes coletivos ou individuais, e principalmente na vida, saber que um não é nada sem o outro. Todos temos que dar nossa parcela de contribuição.

Do tempo de aluno, na Praia de Botafogo e na Visconde de Silva, o professor tem lembranças dos recreios, dos joguinhos de vôlei com copinho de papel de mate. "A gente embolava os copinhos para formar as bolas. Até o Bernardinho (técnico da seleção brasileira de vôlei), jogava. Lembro muito, também, dos professores Carlos Meyer, de Ciências, "Tio" Léo, de Matemática, Vilaça, de Geografia, sempre de terno, Raymond Louis Eber, de Física, que usava dois relógios. Os professores marcam a vida da gente", recorda Helvécio.

ALBA PEREIRA: CONFIANÇA E LIBERDADE

Confiança imediata no seu trabalho – essa é a primeira lembrança que a Profª Alba Pereira, de Português, tem de sua chegada ao Andrews, em 1985. "Fiquei encantada com o Colégio, com essa liberdade de trabalhar, de escolher os livros paradidáticos, pela alegria que havia entre as pessoas. O recreio era uma festa, todo mundo feliz e contente. E ainda é: o meu grupo de trabalho é muito unido. E há conexão com os outros também, porque a escola também proporciona isso, através das reuniões e dos encontros de formação", comenta Alba.

Ela também se lembra dos bilhetes carinhosos dos alunos, alguns dizendo que não gostavam de Português e passaram a gostar depois das suas aulas". "Se era verdade, eu não sei, mas ainda hoje escuto isso", orgulha-se a professora. Emocionada, ela comenta sobre a alegria de dar aulas para os

filhos dos ex-alunos: Na reunião de pais eles falam "Ah, você não mudou nada, eu fechei os olhos, escutava sua voz, você dando aula". É uma emoção muito grande.

Para ela, o Andrews tem um importante diferencial: abraça todas as famílias com suas diferenças, respeita o aluno em sua integridade e dignidade. "O aluno aqui sempre teve nome. E o mais interessante é que as pessoas que participam do Conselho de Classe sabem o nome de todos. Um aluno do Andrews, quando chega à universidade, tem um diferencial. Isso porque o Colégio não trabalha só aquilo que vai ser cobrado no vestibular. Ser professor hoje é um grande desafio, temos que estar preparados para as novas tecnologias, aceitar que o tempo está passando e as coisas vão mudando. Você realmente precisa de muitos saberes docentes para estar em sala de aula. Não é só a sua disciplina, mas também outros conhecimentos", conclui.

MARIA GORETTI: TUDO É HISTÓRIA

A primeira lembrança que Maria Goretti Leite tem do Andrews é da entrevista que fez para aqui ingressar, como professora de História, em 1987. "Eu estava recém-formada, o Andrews era um Colégio grande, do Rio de Janeiro... eu sou de Valença, quis disfarçar minha tensão aparentando calma demais e por isso fui reprovada. Então, a professora que havia me indicado intercedeu e fiz uma nova entrevista sendo eu mesma", rememora Goretti.

"Muito da professora que sou foi criado aqui, onde tive oportunidade de aprender, onde ouviram minhas inquietações e confiaram nas minhas propostas. Me encanta essa possibilidade de criar situações para que outras pessoas aprendam. Isso é muito dinâmico e requer atenção para perceber as necessidades de adaptar, de mudar, de inovar, de buscar. Dar voz e protagonismo aos alunos é

uma boa experiência que o Andrews me proporciona, assim como trabalhar com projetos, criar espaços de debates, levantar questões", afirma a professora.

Goretti costuma dizer que História é tudo. Tudo é História. Segundo ela, "a partir dos estudos que a disciplina traz para o aluno, ele pode se perceber também como um sujeito e um agente histórico, entender essa sociedade plural, diversa, ter contato com o que é diferente, fator essencial, principalmente hoje, diante de tantas intolerâncias".

"Em seu propósito de formar pessoas críticas, mas também íntegras e com bom caráter, não dá para a escola ficar parada. E pelo que venho observando há 30 anos, o Andrews sempre esteve preocupado, pensando cada momento de forma muito integrada ao que acontece. Então, para o futuro, só mesmo mais 100 anos cuidando das nossas crianças e jovens", deseja Goretti.

VALÉRIA ARAÚJO: CONSTRUÇÃO COLETIVA

Quando começou a trabalhar no Andrews, em 1987, aos 22 anos, Valéria Araújo, professora de Matemática, já tinha quatro anos de sala de aula. Mas foi aqui que ela conheceu uma nova proposta, uma metodologia diferente para a produção de conhecimento. "Meu encantamento com a Educação e meu caminhar profissional tem muito a ver com o Colégio Andrews. A forma como eu aprendi a lecionar e o grande incentivo que recebi do Colégio foram determinantes para eu cursar a faculdade de Matemática", revela.

Valéria define seu primeiro contato com o Andrews como "assustador". "Uma escola enorme, com professoras experientes, e eu chegando. Mas era uma escola grande que se tornava pequena, devido ao acolhimento dos profissionais, professores e da Direção. Em nenhum momento eu tive vergonha de falar "eu não sei trabalhar com isso". E a coordenadora dizia: "então eu vou para a sala com você e nós vamos trabalhar juntas", conta a professora.

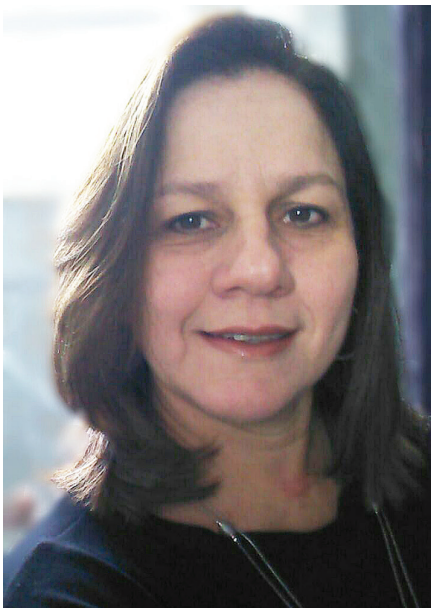
Para ela, a diferença do aluno do Andrews é visível, pois ele é formado para se inserir no mundo. É incentivado a ter autonomia, autoria, senso crítico, a ollhar para o outro. "A formação desse sujeito é a grande preocupação do Andrews. Eu vejo isso pelas minhas filhas que estudaram aqui. As duas sabem se posicionar, discutir, argumentar", afirma Valéria.

Há 30 anos no Andrews, a professora de Matemática viu a escola se atualizar, tanto em relação ao ensino, quanto ao caminhar do aluno. "Tudo o que foi feito teve a participação de todos. Isso é legal, não foi uma coisa imposta. Existe a preocupação de discutir e construir o projeto pedagógico junto com o corpo docente. Mas, acima de tudo, o que marca é a amizade. Tenho amigos que eu fiz aqui e que fazem parte da minha vida até hoje", diz Valéria.

LETÍCIA MOLITERNO: ORGULHO DE ESTAR AQUI

"Eu vejo o Andrews como uma escola que se adapta ao tempo de cada década e faz com que o corpo docente e toda a equipe também participem disso. Orgulho é o que resume minha história aqui", diz, emocionada, a Profª Maria Letícia Moliterno, de Ciências e Biologia. Ela entrou no Colégio aos 19 anos como estagiária. Logo em seguida se formou e, com 21 anos, assumiu sua primeira turma. Hoje, 30 anos depois, ela tem uma certeza: sou feliz aqui!

"Sempre gostei de ser professora, não foi uma segunda opção na minha vida. Quando comecei a dar aulas, os alunos me chamavam de 'Leticinha' porque eu era muito nova. Até o porteiro às vezes dizia: "Você está sem uniforme?" "Não, eu sou professora." "Ah, desculpa..." Era muito engraçado. Meus primeiros contatos foram com o professor Paulo Muniz, diretor da Praia de Botafogo, e um coordenador muito querido, Gabriel Macedo Ribeiro, que me ensinou muito, em relação à pontualidade, a ter jogo de cintura com situações adversas. Aprendi bastante com ele", relembra Letícia.



Para ela, o ator Miguel Fallabella está entre as pessoas que definem o "espírito" do Andrews. "Há 30 anos ele dava aula de Teatro no Colégio, uma atividade que ajudava os alunos a se soltarem mais, ficarem menos tímidos, ou seja, já era o Andrews pensando e fazendo diferente", comenta a professora.

De acordo com Letícia, nas últimas décadas a abordagem da Educação mudou muito. Na questão das regras, por exemplo, houve muita flexibilização: o que antes não podia, hoje pode. "Por outro lado, quando eu entrei aqui podia fumar em sala de aula, imagina! Hoje em dia nem em espaço público pode. Eu vi esse contraste acontecer, essa modificação. Porém, acredito que o Andrews do futuro vai ser sempre acolhedor, afetivo, um Colégio que aceita o diferente, que gosta de fazer diferente. Eu acho que vai ser sempre assim", finaliza.

PATRÍCIA MONTEIRO: ETERNA APRENDIZ

Patrícia Caminha Monteiro começou a lecionar no Andrews em 1987 para substituir temporariamente uma professora. Seu trabalho agradou e ela continuou no Colégio, ensinando várias matérias no Ensino Fundamental I, principalmente Português e Estudos Sociais.

"As disciplinas que leciono são favorecidas, porque abordam as relações que se estabelecem entre as pessoas. Todas as oportunidades são aproveitadas para se discutir com os alunos a questão dos valores. O projeto pedagógico de formação integral e os debates em torno de questões que remetem à condição humana são grandes diferenciais do Andrews", acredita Patrícia.

Para ela, que adora ser professora, cada turma que chega é um novo desafio. Isso a obriga a estar sempre se reciclando, se reinventando, se descobrindo. "Aprendemos a cada dia. Essa é uma profissão que não nos deixa ficar estagnada", explica. "A cada trabalho que propomos ao aluno, temos sempre a intenção de fazê-lo parar, refletir sobre os acontecimentos e de que forma isso pode influenciar o presente e o futuro. O grande desafio é conseguir encantar essa garotada para que entendam o valor da Educação. Plantar uma sementinha que vai, ao longo do processo, crescer e dar frutos. É o que esperamos", completa a professora.

Patrícia valoriza a proposta do Andrews, que abrange não apenas o conteúdo acadêmico, mas também a formação de um cidadão que saia preparado para atuar na vida e alcançar sua realização pessoal. Ela afirma que, para isso, viu muitas mudanças acontecerem, sempre de forma muito pensada. "O Colégio é dirigido por pessoas muito engajadas na Educação. Não são só administradores, estão presentes, atuando, pesquisando. Eu, com 30 anos de Andrews, como meus alunos, sou eterna aprendiz", declara.

CLÁUDIA MARÇAL: A ARTE RESPIRA

Ela estudava Desenho Industrial na UFRJ e durante um período de greve foi ocupar seu tempo participando de um seminário de Educação Artística. "Quando cheguei lá vi que era isso que eu queria fazer na minha vida. Eu queria dar aula, trabalhar com criança, com jovem. Eu me encontrei", relata Cláudia Marçal, professora de Arte do Andrews desde 1989.

Hoje, 28 anos depois, ela reflete: – Eu acho que eu dei uma sorte tremenda. Eu assim, crua, parar em uma escola que dá um espaço imenso para isso. No Andrews, já naquela época, a criatividade borbulhava, a arte respirava. Era um lugar muito pulsante e muito rico. Eu, que estava recém-formada, aprendia o tempo inteiro.

Na opinião de Cláudia, a importância que o Colégio dá para a Arte já indica sua preocupação com a subjetividade da formação do aluno para que ele saiba escolher, atuar, refletir.

"A equipe pedagógica também é muito legal, além de nos apoiar, provoca a permanente reflexão. É uma escola que desafia muito a gente a trabalhar no limite da qualidade máxima", acredita. "O Andrews faz diferença, pensa diferente, põe na mão do aluno a autonomia, a propriedade, a responsabilidade da construção do conhecimento e de si mesmo", complementa a professora.

Para ela, as Mostras de trabalho são momentos que representam bem o 'espírito' do Colégio, reunindo toda a comunidade, convocando as famílias a participarem, a produzirem junto com os alunos. "É um momento muito bonito, rico, vivo. A imagem que eu tenho é como quando a flor brota, e vem toda aquela beleza. A força da criação aparece", descreve Cláudia.

Sobre os desafios do futuro, ela diz: – Acho que a escola está aí para ajudar a melhorar a sociedade, as pessoas. É um lugar que tem tanto encontro, tanto conhecimento, tanta coisa interessante, que é importante pensar nesse papel de construção do mundo, de formação dessas pessoas que estão no mundo.

CLÁUDIO OLIVEIRA: SOMOS RESPEITADOS

A lembrança mais antiga que Cláudio Oliveira, professor de Biologia, tem do Andrews foi o momento em que ele atravessou o portão do prédio da Praia de Botafogo, no dia em que foi admitido para lecionar no Colégio. "Ao sair, pensei assim: por quanto tempo eu vou viver essa experiência?", conta Cláudio. A resposta é: 26 anos!

Sobre essa longa trajetória, outras lembranças vêm à mente do biólogo, como, por exemplo, o dia em que começou a dar aulas na 3ª série do Ensino Médio. "Eu trabalhava com o 9º ano, na época 8ª série, e o coordenadou me falou que eu entraria na turma 301. Como é que eu vou entrar na 3ª série assim?, perguntei. Quando eu entrei, pedi: "me dá um caderno...", olhei e dali comecei. No final do ano fui paraninfo da turma", relembra Cláudio.

"Aqui não se observa a necessidade de um se sobrepor ao outro, pelo contrário. Sempre que um de nós tem uma necessidade, o outro estende a mão. Esse é o perfil do Andrews. Uma escola que dá espaço para trabalhar e pensar. Eu sinto a liberdade. A gente é respeitado", declara o professor.

Ainda que um dos lemas da escola seja "pensando diferente", Cláudio considera que o Andrews ainda tem um "quê" conservador que ele preza muito. "Eu acredito em um processo de educação mais formal. Então, esse pareamento de "acreditares" tem sido para mim muito importante. Nós temos buscado fazer a diferença formando pessoas solidárias, que tenham no conjunto das suas ações um senso ético diferente. A família do Andrews – aluna do Colégio há três, quatro gerações – vem em busca disso. No futuro, espero que o Andrews se transforme sem perder o norte que o tem conduzido há 100 anos: contribuir para uma sociedade melhor, mais justa, mais solidária, mais ética, ainda que absorvendo novos comportamentos e novas tecnologias", conclui.

JUCINEI COSTA: VALORIZAÇÃO DO ESPORTE

Nos anos 1990, o Andrews abriu uma escolinha de esportes após o horário curricular e convidou Jucinei para dar aulas de judô. "Na época, eu já era faixa preta. Então podia dar aula enquanto, simultaneamente, cursava a faculdade de Educação Física. Cinco anos depois, já formado, comecei a dar aulas de Educação Física, além do judô", rememora o professor.

O aprendizado constante, sempre buscando melhorias, e as oportunidades de crescimento que teve são marcas fortes de sua trajetória de 21 anos no Colégio. "Existe um rigor, mas voltado sempre para o desenvolvimento. Hoje sou presidente da Federação de Judô do estado do Rio de Janeiro e atuo com equipes de alto rendimento. Me credenciei para isso com o trabalho que fiz aqui", diz Jucinei.

Para ele, a relação de carinho com as crianças vem do gosto que elas têm pela Educação Física. "Venho trabalhar sempre com muita alegria, sabendo que vou fazer o que gosto, algo que produz um efeito direto nas crianças, não só pela questão lúdica, da brincadeira, mas também por ser um momento mais descontraído.

Vejo também uma contribuição muito grande na relação interpessoal, no respeito ao espaço do outro, no contato, que é muito importante para o desenvolvimento", afirma o professor.

Jucinei destaca ainda o planejamento bem estruturado da disciplina no Andrews, que caminha junto com os objetivos de sala de aula, para contribuir através do esporte. "O trabalho da Educação Física aqui tem um reconhecimento ímpar. Já trabalhei em outras escolas onde não consegui ter tanta organização e valorização", observa.

"Antes das Olimpíadas do Rio, eu trouxe aqui um atleta paralímpico cego. Ele contou sua história de vida, de superação, e isso afetou muito as crianças. Por conta disso, vários alunos foram nas Paralimpíadas. São esses exemplos de respeito às diferenças que a gente quer dar através do esporte na escola", finaliza Jucinei.

FÁBIO FALLER: TROCA QUE ENRIQUECE

Depois de uma breve passagem lecionando Matemática no Andrews – de 1990 a 1993 –, o professor Fábio Faller retornou em 1997 e já completou 20 anos no Colégio. "O bom ambiente que existe entre os diversos setores da escola proporciona uma troca grande e, com isso, o profissional cresce. Compartilhar experiências enriquece muito a atividade. Você pode ter uma ótima formação, mas só se torna professor dentro da sala de aula, com as situações, tendo um bom suporte, se sentindo valorizado. E isso acontece aqui", comenta Fábio.

Para ele, o trabalho com projetos desenvolvido no Colégio, que atravessa todas as disciplinas, amplia a ação do professor, uma vez que aborda questões da condição humana. "O Andrews tem essa característica de formação integral do aluno e procura dar recursos para que ele seja preparado para enfrentar os novos desafios que vêm. Não só no aspecto tecnológico, mas também na formação do caráter. Existe uma conscientização para que ele veja o mundo de forma diferente e isso é muito importante", constata o professor.

ANDRÉ GONÇALVES: CONSCIÊNCIA DO CORPO

Graduado em Dança e pós-graduado em Psicomotricidade, o professor André Gonçalves, há 20 no Andrews, trabalha com dança-educação, procurando trazer aos alunos a consciência do próprio corpo. "Entrei para dar aula de Dança, que fazia parte da Educação Física: os meninos iam para o futebol e as meninas iam para a dança. Depois, transformamos essas classes em Oficina do Corpo, exatamente para englobar todos, para que as pessoas se despissem de seus preconceitos", conta.

Recentemente, ele participou, como coreógrafo, da montagem do musical Mambembe, o primeiro espetáculo do gênero encenado pelo grupo de teatro TACA na Visconde de Silva. "Foi um desafio completo", orgulha-se o professor. "É muito bom trabalhar em um lugar onde as pessoas acreditam em você. Não tem uma área de conforto, porque estou sendo construído e desconstruído o tempo inteiro. Aprendi a ser professor aqui e por isso tenho um carinho enorme pelo Colégio", acrescenta André.

ANA MARIA PINTO: AMOR PELA PROFISSÃO

Ana Maria Pinto, professora do Ensino Fundamental desde 1987, considera um grande desafio fazer com que as crianças leiam, diante do atual mundo tecnológico. Mas se sente muito gratificada na Mostra de fim de ano, quando apresenta tudo o que foi feito. "É muito bom ouvir os alunos dizerem: "já li esse autor", "já li esse tipo de livro", "o que você me indica?". Então, mesmo com toda a tecnologia, constatamos o grande interesse deles", relata.

Sobre sua chegada no Andrews,

ela relembra: – Me perdia dentro desse espaço porque vim de uma escola pequena, mas nunca me senti perdida no meu trabalho, sempre me senti acolhida e orientada. A partir de indicações das orientadoras fiz vários cursos e fui atualizando minha prática.

"Acredito muito no amor que tenho pela profissão e acho que os alunos sentem isso. Estou sempre pesquisando novidades para trazer para eles, em todas as minhas atividades penso em algo novo para a sala de aula", conta Ana Maria.